



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

UM OLHAR SOBRE AS TENDÊNCIAS DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: REPERTÓRIOS ON-LINE,
OFF-LINE OU HÍBRIDOS?

Robson Vasconcelos Carvalho (Universidade de Brasília IPOL UNB) - robsonvcarvalho@hotmail.com
Graduado em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Especialista em Gestão Pública pela UFRN, Doutorando em Ciência Política pela UNB



Um olhar sobre as tendências da participação política: Repertórios on-line, off-line ou híbridos?

O objetivo deste texto é colaborar com uma discussão teórica e empírica a respeito da influência das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, nos repertórios de participação política não-institucional. Uns acreditam que a tendência é cada vez mais as mobilizações sociais serem organizadas *on-line*, outros consideram que o *off-line* permanecerá como principal meio de articulação e ação e há os que compreendem, como nós, que o futuro tende a um caminho híbrido. A contribuição empírica está focada na tentativa de compreensão e análise qualitativa da influência das TIC na organização do *SomosDemocracia*, o coletivo antifascista das torcidas de futebol que surgiu na pandemia. Para isso, realizamos uma entrevista com uma das principais lideranças do movimento, VALDIVINO (2021), e notamos que tanto ele quanto os demais articuladores têm ligações com outros movimentos e atividades de participação política. São ativistas familiarizados com diversos repertórios e encaixam-se no entendimento de que “*Quando ativistas decidem como organizar uma ação coletiva, eles a escolhem a partir de um portfólio finito de técnicas e práticas já experimentadas e que possuem legitimidade social e política*” (Abers, Serafim e Tatagiba, 2014, pág. 327).

Para respaldar a escolha de um movimento que tem como característica a participação política não institucional, recorreremos aos estudos sobre a democracia participativa, que apresenta três características principais: reconhece como democráticos movimentos que se dão por fora da institucionalidade; que a experiência democrática deve ser compreendida além do voto; e considera protesto, conflito e uso tático de ações disruptivas como parte fundamental da ação política no âmbito do processo democrático. As três, juntas, sintetizam a essência do coletivo antifascista das torcidas de futebol *SomosDemocracia* que, além disso, registrou práticas que se enquadram na compreensão de protesto, conceituado por TILLY (1978):

ações coletivas (envolvendo pelo menos duas pessoas), iniciadas por grupos da sociedade, de natureza extrainstitucional (são eventos públicos que rompem com a rotina e instauram ou ameaçam instaurar algum tipo de dano) e voltadas a sustentar reivindicações ou queixas que, se atendidas, afetariam o interesse de outras pessoas.” (TILLY, 1978 *apud* GAVÃO E TATAGIBA, 2019, p. 68).

O conceito de conflito adotado aqui, também espelha o *SomosDemocracia*, e diz respeito ao entendimento de que o mesmo não se trata de um problema a ser superado, mas, de componente fundador da democracia e promotor de sua oxigenação (ABERS E VON BULOW, 2011; AMES, 2011; AVRITZER, 2008; MIGUEL, 2003; MIGUEL, 2014; TRINDADE, 2018a; TRINDADE, 2018b). Para o próprio Tilly, “*o repertório só existe encarnado em performances confrontacionais. Tilly nunca arredou pé do postulado de que o eixo fundamental da vida social é o conflito*” (Alonso, 2012, pág.32).

Finalmente, o movimento escolhido para estudo se adequa ainda ao conceito de *repertório de contenção* TILLY (1992), que objetiva compreender as escolhas e tomadas de decisão por parte dos movimentos sociais, não se apegando ao conteúdo da ação coletiva realizada, mas, à sua forma. Por décadas, o autor foi aperfeiçoando o conceito para tentar captar cada vez mais fidedignamente fatores políticos presentes em movimentos sociais e ações de protesto, especialmente as permeadas por confrontos e conflitos (Alonso e Botelho, 2012). Em uma de suas obras, TARROW (2009) destaca a definição de TILLY (1992) a respeito de repertório “*um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e executadas através de um processo relativamente deliberado de escolha*” (TILLY, 1992, p. 7, *apud* TARROW, 2009, p. 51). Para ALONSO E BOTELHO (2012), a obra de Tilly é “*incontornável para aqueles que estamos desafiados a compreender a dinâmica histórica e as inovações nos protestos e confrontos políticos do passado e no mundo contemporâneo* (Alonso e Botelho, 2012, pág.12) ”.

O contexto do surgimento do coletivo SomosDemocracia

Na segunda década do século XXI, o mundo observou a eclosão de grupos e lideranças identificados com a extrema-direita, que passaram a se colocar abertamente nas redes e nas ruas como defensores do politicamente incorreto e a se posicionarem como antissistema. No Brasil de 2020, muitos desses grupos declaravam-se favoráveis ao fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal, ao AI-5 e à intervenção militar com Bolsonaro no poder – presidente que se fazia presente em diversas ocasiões, às vezes discursando em sinal de apoio (CNN BRASIL, 2020). Nessas manifestações, chamadas

por tais grupos de democráticas, ocorreram ataques à imprensa e seus profissionais (Fernandes e Pupo, 2020) e condutas fascistas e supremacistas reinavam solitárias num espaço que historicamente fora ocupado pelas esquerdas (G1, 2020). Esses sinais, já eram dados bem antes, assinala TRINDADE (2018a):

(...) a onda de protestos realizados entre o final de 2014 e meados de 2016 em favor da deposição de Dilma Rousseff da presidência da república demonstram que as ruas não pertencem exclusivamente aos grupos situados à esquerda do espectro político (TATAGIBA, TRINDADE E TEIXEIRA, 2015; ORTELLADO E SOLANO, 2016) APUD (TRINDADE, 2018a, p.3)

Inquietos com a situação, reuniram-se figuras históricas que atuaram na *Democracia Corinthiana*, como fundadores da Gaviões da Fiel (VASCONCELOS, 2019), acompanhados dos integrantes mais jovens e, posteriormente, diversas torcidas organizadas, unidas sob a bandeira do *SomosDemocracia*, formaram um contramovimento antifascista que, nesse contexto político-pandêmico, assumiu o protagonismo em defesa da democracia, a qual se encontrava sob crescente ameaça e tensionamento. O coletivo colocou-se em uma posição de contraponto político, ocupando o vácuo deixado por sindicatos, partidos e movimentos mais tradicionais à esquerda, que enfrentavam dificuldades de mobilização por causa da COVID19. Questionado sobre como surgiu o *SomosDemocracia* VALDIVINO (2021) explica:

Nasce já na pista: 2020, em plena pandemia, quando o governo Bolsonaro dava várias indicações de que tentaria dar um golpe, atacava a democracia semanalmente; várias manifestações legitimadas por ele(...) pediam a volta da ditadura, intervenção militar com Bolsonaro no poder (...) então a gente saiu pras ruas com o objetivo de confrontar essas ideias, confrontar esses grupos e a gente mostrar que tinha gente disposta a defender a democracia... (Valdivino, 2021).

Ironicamente, enquanto a democracia estava sendo atacada com o suporte de dentro – e por dentro – das próprias instituições democráticas, em especial pelo chefe do Executivo, sua defesa mais significativa se dava por fora da institucionalidade, nas ruas, em meio a protestos e conflitos com grupos adversários e confrontos com o próprio Estado e seu aparato policial, pois os demais poderes se limitavam a emitir notas de repúdio.

A participação política e algumas influências problemáticas das TIC

O mundo vive a Revolução 4.0, marcada pela personalização e precisão proporcionada pela capacidade de apropriação e processamento de dados dos BigDatas e pela velocidade em escala industrial, proporcionada pelas Tecnologias de Comunicação e Informação, aplicadas às coisas “IOT” e às plataformas digitais (Schwab, 2016; Davis e Schwab, 2018). Considerando a existência de plataformas de mídias e redes digitais, alguns questionamentos são úteis para refletir sobre possíveis influências do emprego das mesmas na participação política: as TIC respeitam a privacidade dos usuários? Quando se pensa na forma do seu desenvolvimento, observa-se que não é o caso (Zuboff, 2019). Em relação à governança da internet (Wagner et al, 2014; DeNardis e Musiani, 2016) e a suposta “isenção” das plataformas digitais, especialmente quando se trata de mineração de dados (Jorgensen, 2019), é possível crer que estão livres de interferências políticas? Igualmente, a resposta é não, pois suas conexões entre si e entre usuários, bem como sua forma de interação, seguem regras que vão desde a gestão da internet, que ainda se encontra centralizada no EUA, via controle do IP (Wagner et al, 2014) à arquitetura e construção de cada uma: Facebook, Instagram, WhatsApp, Twitter, TikTok, Youtube e Google. Esta é também a percepção de VALDIVINO (2021) ao ser questionado sobre estes temas, embora se utilize de algumas delas na articulação e repertório do movimento:

Não credito que são neutras, os algoritmos tendem a censurar determinados conteúdos (...) se eu escrevo a palavra comunismo, poucas pessoas vão ver. E já percebo que por vezes, conteúdos mais relacionados a pautas que seriam de interesse das plataformas, pautas mais liberais, tendem a ter maior engajamento. Tem os interesses privados e norte-americanos (...) se a gente vai divulgar uma matéria que fale bem da China, o engajamento vai ser muito baixo. (Valdivino, 2021).

VALDIVINO (2021) alertou ainda aos problemas como *fakenews*, ataques à honra, imagem e reputação das pessoas, ao cancelamento e à necessidade do Estado brasileiro se debruçar sobre o assunto. Por último, baseado nos escândalos revelados por Edward Snowden, chamamos atenção à questão da soberania nacional, no aspecto da comunicação e acesso a informações sigilosas, pois as plataformas são empresas privadas, com interesses geopolíticos e econômicos e majoritariamente sediadas nos EUA.

O coletivo *SomosDemocracia* e seus repertórios

O *SomosDemocracia* é um movimento informal e seu modo de organização interna é horizontal, mas, existem pessoas que devido a sua experiência e formação,

acabam fazendo valer suas opiniões e orientações. Mesmo diante da cultura de participação dos integrantes, adaptações foram feitas nos repertórios para dar respostas a um contexto afetado pela pandemia. Para ALONSO (2012) a teoria do Confronto Político:

“explica o surgimento e o desenrolar de mobilizações coletivas mediante a reconstrução do contexto político, ou da estrutura de oportunidades e ameaças políticas, principalmente as relações de força entre as autoridades – grupos ocupando cargos no Estado –, e os desafiantes – que se encontram do lado de fora. (Alonso, 2012, pág. 21)

Considerando as ameaças políticas que estavam dadas, os desafiantes tiveram um duplo desafio: contrapor-se tanto às autoridades do lado de dentro, como o presidente da República, quanto aos seus apoiadores, que estavam do lado de fora – assim como os próprios desafiantes, além dos braços armados do Estado. Os desafiantes então, adotaram uma tática que se mostrou eficaz: tomaram a decisão de ocupar as ruas nos mesmo horários e nos mesmos espaços físicos para pressionar os fascistas a se dispersarem e desocuparem as suas trincheiras. Segundo VALDIVINO (2021), o coletivo nasceu para ser um movimento antifascista e de confronto, que, por hora, cumpriu sua missão:

O objetivo era expulsar os fascistas das ruas. E a gente conseguiu né? Quando a gente começou a tomar as ruas, marcar as manifestações nos mesmos lugares deles, eles pararam de fazer né? Eles recuaram, eles saíram das ruas.... e não voltaram até hoje! (Valdivino, 2021)

Passados os momentos mais tensos, performances e repertórios sofreram novas adaptações. A preocupação do *SomosDemocracia*, era pensar em novas ações para que seus líderes e apoiadores não se desarticulassem. De acordo com VALDIVINO (2021):

Teve momentos que a gente não fez manifestação, mas fez ação de impacto visual, que a gente tem uma bandeira de mais de 100m escrito ForaBolsonaro e a gente estendia esse bandeirão (não só na Av. Paulista) em vários lugares. Ações na Brasilândia, no Viaduto do Chá e a gente divulgava bastante nas redes sociais essas iniciativas. (Valdivino, 2021)

Segundo o entrevistado, no momento atual (outubro/2021), por conta da pandemia, as ações ficaram mais restritas e limitadas a participações pontuais em manifestações a exemplo do *ForaBolsonaro* e do dia da Consciência Negra. O coletivo nunca se utilizou de cartazes, *outdoors* ou panfletos e, apenas uma vez, recorreu a um carro de som para fazer campanha de prevenção à COVID19 nas periferias. Ainda assim, são realizadas reuniões periódicas para planejar atividades de formação e atividades sociais, basicamente de entrega de marmitex e cestas básicas aos mais atingidos pela

pandemia nas periferias de São Paulo. As reuniões ocorreram em sua maioria de forma presencial, mas nos momentos mais difíceis da pandemia utilizaram bastante o aplicativo *Zomm Meetings*, com o qual não houve dificuldade de adaptação.

Esse conjunto de ações serviu como exemplo para mostrar como as performances se adaptaram conforme o contexto e contribuíram para manter os atores permanente articulados, mesmo em momentos sem a necessidade da confrontação direta. E ainda, para indicar a presença de repertórios que mesmo se desenrolando no mundo *off-line*, eram articulados no mundo *on-line* e nele repercutiam retroalimentando o movimento.

As tendências híbridas do *SomosDemocracia*

Iniciado por torcedores da Gaviões da Fiel, o movimento conseguiu reunir nas principais capitais do país coletivos antifascistas de diversas torcidas organizadas de futebol, inclusive rivais entre si (PETROCILO E SABINO, 2020; MAGRI, 2019). Mas, de que maneira plataformas digitais integraram as articulações entre as torcidas e os seus repertórios? Com relação à forma de se comunicar internamente e com os demais líderes, inclusive de outros estados, o *WhatsApp* foi o principal instrumento, seguido de reuniões presenciais quando possível. Pelo aplicativo, interagem através de vários grupos como: *SomosDemocraciaSãoPaulo*, *SomosDemocraciaBrasil*, e *SomosDemocraciaParaná*. Pelo *WhatsApp*, todos estão permanentemente em contato uns com os outros, haja ou não ação planejada. Isso é o que reforça a importância da internet para VALDIVINO (2021):

É totalmente fundamental (...) diria até que 100% cara. Seria muito difícil sem a internet conseguir articular um movimento nacional pensando o quão grande o Brasil é (...) através dos grupos de *WhatsApp* principalmente, a gente consegue conversar com várias pessoas de várias regiões ao mesmo tempo (...) saber as opiniões das lideranças de cada estado ali também no mesmo grupo (...) centralizar informações e ações pra todo mundo fazer a mesa ação, no mesmo dia, mesmo horário, da mesma forma, com o mesmo conteúdo. (Valdivino, 2021)

Na comunicação com o público externo, se apresentavam virtualmente utilizando a *hashtag* *#somosdemocracia*. Não possuem *site*, *blog*, perfil no *Twitter*, *TikTok*, ou canal no *Youtube*, mas apenas “no *Facebook* e *Instagram*, que foram importantes nos momentos que a gente chamava as manifestações e apareciam lá públicos espontâneos” (Valdivino, 2021), ou seja, um público com quem não tinham contato, mas era simpático às pautas do movimento, amplificando assim tamanho, visibilidade e poder de pressão. Quanto aos perfis nas plataformas, grupos de companheiras cuidam do conteúdo e criam artes, mas, até por serem recentes, os perfis dos líderes eram mais movimentados e possuíam mais

visibilidade e seguidores. Assim, reconhece, a internet é fundamental “*pra quem se dispõe a fazer luta política e também se tornou um espaço de debate, convencimento, persuasão e de formação. Hoje em dia muita gente se forma, forma sua opinião a partir de vídeos, textos, debates, opiniões que são expostas nas redes sociais*” (Valdivino, 2021).

Para compreender melhor o grau de importância da internet para organização do movimento, questionamos acerca de que percentuais poderiam ser atribuídos para expressar tal importância, ao que obtivemos como resposta: “60% *off-line* e 40% *on-line* (Valdivino, 2021). Em que pese a relevância do percentual atribuído, nenhuma ação foi realizada apenas virtualmente. Sobre o futuro da participação política, VALDIVINO (2021) entende que será híbrido e entende a internet como espaço de discussão política e pontuação de posições e que as pessoas vão ter que se adaptar à uma realidade dialética:

a participação presencial também ela é fundamental e diria que é dialético ne? As redes sociais ela consegue ampliar uma participação *off-line* e a participação *off-line* também pode ampliar a participação nas redes sociais. Então se a gente quer fazer uma grande manifestação, a gente depende muito das redes sociais pra atingir pessoas que a gente então consegue atingir presencialmente, nos espaços que a gente frequenta; da mesma forma, a rede social precisa dessas ações *off-lines* pra ter um engajamento, pra criar um conteúdo diferente... (Valdivino, 2021)

Finalmente, os três momentos mais marcantes dentre os diversos ocorridos no ano de 2020 e relatados por VALDIVINO (2021), evidenciaram repertórios de confrontos organizados e desenvolvidos de forma híbrida, demonstrando tanto um rol de adaptações conforme o momento e o tipo de confrontação, quanto o fato de que “*protesto digital não substitui o protesto de rua*” (von Bülow, 2020, pág. 12). No primeiro, em 31 de maio, a ação inicial dos torcedores da Gaviões da Fiel foi capaz de agregar outras torcidas – cada uma com seu histórico e cultura de repertórios, ampliando a visibilidade *on-line* e *off-line* e exercendo forte poder de pressão nas ruas. Foi a primeira grande mobilização: “*a gente saiu com mais de mil pessoas da Gaviões da Fiel e se somaram outros torcedores, chegando ali a mais de 2.000 pessoas*” (Valdivino, 2021). No segundo, o coletivo associou-se à uma luta antirracista internacional com forte capilaridade interna – Tilly também se debruça sobre eventos que transpõem barreiras nacionais e adaptam seus repertórios a contextos e culturas locais. Registraram aí a maior mobilização em termos quantitativos: “*O 2º momento foi quando a gente se juntou com o Movimento Negro: tava ocorrendo várias manifestações no mundo inteiro por causa do assassinato de George Floyd nos Estados Unidos e a gente fez uma manifestação de mais de dez mil pessoas no Largo da Batata*” (Valdivino, 2021). O terceiro, final de junho, foi um Ato Nacional em

Brasília: a identidade e conteúdo do movimento tomaram a forma de uma carta, entregue ao representante de uma das instituições democráticas atacadas: “*eu fui com o objetivo de entregar uma carta pro Rodrigo Maia, reivindicando que ele acolhesse um dos vários pedidos de impeachment que tinha contra o Bolsonaro e acabei lendo essa carta diante da Globonews*” (Valdivino, 2021). O ato presencial ocupou entorno de dez minutos em rede nacional com a leitura da carta, que repercutiu ainda nas redes e mídias sociais.

Considerações finais

Baseado na análise de VON BÜLOW (2020), que pontuou quatro tendências do ativismo digital no Brasil em contexto pandêmico, foi possível constatar: não houve dificuldade por parte do *SomosDemocracia* na *apropriação* de recursos digitais, nem na *diversificação* e *adaptação* das atividades ou mesmo na *integração* entre as ações de ativismo presencial e digital; ao contrário, agregou-se inovação ao movimento. Tudo isso ficou claro ao analisarmos as atividades relatadas na entrevista; as formas e as adaptações aos repertórios, mesmo diante da cultura dos integrantes do movimento; e as dificuldades de articulação e organização superadas com a utilização especialmente do WhatsApp, Zoom, Facebook e Instagram. Pelo menos no caso deste coletivo contemporâneo nascido em contexto pandêmico, os rumos dos repertórios de participação política seguiram um caminho imbricado pelas conexões entre ruas e infovias, portanto híbrido, que construiu pontes entre as arenas *on-line* e *off-line*. A influência das TIC, foi análoga à desempenhada por ferramentas e veículos de comunicação, porém, com ganho de escala em termos de alcance e precisão. Em que pese a descrença na neutralidade das plataformas e a má utilização por determinados grupos políticos, o *SomosDemocracia*, reconheceu que elas geraram impactos positivos em seus repertórios, facilitando a organização e articulação do movimento interna e externamente, bem como ampliando o alcance e a visibilidade do coletivo. O nosso olhar, portanto, é compatível com uma visão que não descambe para o *ciber-otimismo* ou *ciber-pessimismo*, mas que se concentre no equilíbrio entre ambas e foque no realismo que requer cada contexto, sem “*superestimar a novidade, nem minimizar o impacto do ativismo digital*” (von Bülow, Dias e Gobbi, pág. 13). Olhar atento às possibilidades de manipulação e indução de comportamentos via modelagem psicométrica e micro-direcionamento (Brito Cruz et al, 2019); à permeabilidade às programações de algoritmos e ao poder econômico por meio dos impulsionamentos; e aos rumos do futuro pós-pandêmico; mas que visualize o usufruto de modo sustentável e responsável dos benefícios das inovações tecnológicas.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS UTILIZADAS

ABELIN, Pedro. “Comunicação populista: uma proposta analítica a partir do Movimento Brasil Livre e da Mídia Ninja”, dissertação de mestrado, Instituto de Ciência Política, UnB, disponível no Repositório de teses da BCE/UnB. 2020.

ABERS, Rebeca; SERAFIN, Lizandra; TATAGIBA, Luciana. Repertórios de interação estado-sociedade em um estado heterogêneo: a experiência na Era Lula. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 57, no 2, 2014, pp. 325 a 357.

ABERS, R.; VON BULOW, M. Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre Estado e sociedade? Sociologias, 13 (28): 52-84, 2011.

ALONSO, Ângela. REPERTÓRIO, SEGUNDO CHARLES TILLY: HISTÓRIA DE UM CONCEITO. Revista Sociologia & Antropologia | v.02.03: 21–41, 2012.

ALONSO, Ângela; BOTELHO, André. REPERTÓRIOS DE AÇÃO COLETIVA E CONFRONTOS POLÍTICOS: ENTREVISTA COM SIDNEY TARROW. Revista Sociologia & Antropologia | v.02.03: 11–19, 2012

AMES, J.L. Lei e violência ou a legitimação política em Maquiavel. Trans/Form/Ação, 34 (1): 21-42, 2011.

AVRITZER, L. Instituições participativas e desenho institucional: algumas considerações sobre a variação da participação no Brasil democrático. Opinião Pública, 14: 43-64, 2008.

BRITO CRUZ, Francisco; MASSARO, Heloisa; OLIVA, Thiago; BORGES, Ester. Internet e eleições no Brasil: diagnósticos e recomendações. InternetLab, SP, 2019.

CNN BRASIL. Bolsonaro discursa em ato em frente a quartel com pedidos de intervenção militar. CNN BRASIL, São Paulo, 19 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/19/bolsonaro-discursa-em-ato-em-frente-a-quartel-com-pedidos-de-intervencao-militar>>. Acesso em: Setembro de 2020.

DENARDIS, Laura; MUSIANI, Francesca. 2016. “Governance by infrastructure”, em: Musiani et al (orgs.), The turn to infrastructure in Internet governance, Palgrave Macmillan, p. 3-21.

FERNANDES, Talita; PUPO, Fábio. Manifestantes pró-Bolsonaro agridem e ameaçam jornalistas em ato no Planalto; veja vídeo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 3 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/manifestantes-pro-bolsonaroagridem-e-ameacam-jornalistas-em-ato-no-planalto-veja-video.shtml?origin=folha>>. Acesso em: Setembro de 2020.

G1. Apoiadores de Bolsonaro fazem ato em frente ao Supremo com tochas e máscaras brancas. G1, Brasília, 31 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/31/apoiadores-de-bolsonaro-realizam-ato-emfrente-ao-stf-com-tochas-e-mascaras.ghtml>. Acesso em: Setembro de 2020.

GAVÃO, A., TATAGIBA, L. Os protestos no Brasil em tempos de crise: (2011-2016). Opinião pública, 25 (1), 2019.

Jorgensen, R. F. 2019. “Introduction”. In Jorgensen, R. F. (Ed), Human Rights in the Age of Platforms. Boston: The MIT Press.

MAGRI, Diogo. Torcidas antifascistas se multiplicam nas arquibancadas do futebol brasileiro. El País, São Paulo, 25 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2019-12-25/torcidas-antifascistas-se-multiplicam-nasarquibancadas-do-futebol-brasileiro.html>. Acesso: Setembro de 2020.

MIGUEL, L.F. Consenso e conflito na teoria democrática: para além do “agonismo”. Lua Nova, 92: 13-43, 2014.

MIGUEL, L.F. Democracia na periferia: receitas de revitalização democrática à luz da realidade brasileira. Revista Mediações, 8 (1): 9-23, 2003.

PETROCILO, Carlos; SABINO, Alex. Com conflitos internos, torcidas planejam novo ato pró-democracia. Folha de S. Paulo, São Paulo, 1 de junho de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/06/com-conflitos-internos-torcidas-planejam-novo-ato-pro-democracia.shtml>. Acesso em: setembro de 2020.

SCHWAB, Klaus. A quarta revolução industrial. São Paulo. Edipro, 2016

SCHWAB, Klaus; DAVIS, Nicholas. Aplicando a quarta revolução industrial. São Paulo. Edipro, 2018.

TARROW, Sidney. (2009), Poder em Movimento: Movimentos Sociais e Confronto Político. Petrópolis, Vozes.

TILLY, Charles. How to Detect, Describe, and Explain Repertoires of Contention. Mimeo. 1992.

TRINDADE, T.A. A relação entre protesto e deliberação: reflexões para o aprofundamento do debate. Opinião pública, 24 (1): 1-28, 2018b.

TRINDADE, T.A. Os limites da democracia: A legitimidade do protesto no Brasil participativo. RBCS, 33 (97), 2018a.

VALDIVINO, D.A. Entrevistado por Robson Vasconcelos Carvalho, em 27/10/2021; Duração: 35’56’’. Meio de gravação: Plataforma ZOOM, áudio e vídeo. São Paulo, 2021.

VASCONCELOS, Caê. O Corinthians luta por democracia e liberdade. E as duas estão sob ataque. Ponte, 8 de agosto de 2019. Disponível em: <https://ponte.org/o-corinthians-lutou-pordemocracia-e-liberdade-e-as-duas-estao-sob-ataque/>. Acesso em: Setembro de 2020.

VON BÜLOW, Marisa. “Os Impactos da Pandemia no Ativismo Digital”, Relatório de Pesquisa # 02, Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia, Brasília, 17/11/2020, disponível em: <https://resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

VON BÜLOW, Marisa; GOBBI, Danniell; DIAS, Tayrini. “Ativismo digital: uma agenda para além dos binarismos”, No prelo.

WAGNER, Flávio e Canabarro, Diego. 2014. “A governança da Internet: definição, desafios e perspectivas”, em: Pimenta, Marcelo e Diego Canabarro (orgs.) Governança Digital, Porto Alegre: Ed. UFRGS.

ZUBOFF, Soshana. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro, Intrínseca. 2019.

ANEXO

Entrevistador: Robson Vasconcelos Carvalho, doutorando em Ciência Política na UNB.

Entrevistado: Danilo Araújo Valdivino, conhecido publicamente como Danilo Pássaro.

Data: 27 de outubro de 2021; Hora: 13:45 às 14:21; Duração: 35'56''

Meio de gravação: Plataforma ZOOM, em áudio e vídeo.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA:

Robson: Qual é o nome do movimento do qual você faz parte?

Danilo: Movimento SomosDemocracia – movimento que articula diferentes torcidas e torcedores de futebol e eu faço parte há 15 anos da Gaviões da Fiel, que é uma torcida do Corinthians.

Robson: Através dela vocês se conectam com outras torcidas?

Danilo: Isso.

Robson: Congrega outros tipos de movimentos ou só torcidas?

Danilo: Torcidas e torcedores. Tem torcedores autônomos também.

Robson: Todos antifascistas?

Danilo: Todos antifascistas.

Robson: Qual é a função no movimento *Somosdemocracia*?

Danilo: A função do movimento *Somosdemocracia* é... Na verdade ele nasce já na pista...né... a gente meio que teve que trocar a roda com o carro andando e foi no ano passado, 2020, em plena pandemia, quando o governo Bolsonaro dava várias indicações de que tentaria dar um golpe, atacava a democracia semanalmente, várias manifestações legitimadas por ele e incentivadas por ele, através do gabinete do ódio, de Carlos Bolsonaro, manifestações que pediam a volta da ditadura, intervenção militar com Bolsonaro no poder, e etc, então a gente saiu pras ruas, né... com o objetivo de confrontar essas ideias, confrontar esses grupos e a gente mostrar que tinha gente disposta a defender a democracia... e primeiro nasce com a torcida do Corinthians, apenas, como gaviões, e ... depois no decorrer das semanas, outras torcidas fizeram contanto querendo participar também e isso acabou se ampliando por todo país. Então, de forma autônoma também, torcidas de outros estados levantaram uma faixa escrito: *SomosDemocracia* e foi aí que a gente resolveu articular esse movimento nacional.

Robson: Qual o papel específico da Gaviões da Fiel? É de apenas torcida de futebol ou que pode em algumas ocasiões participar de alguma mobilização política? Ou ele já tem uma conotação política?

Danilo: O Gaviões nasce em 69, como uma torcida que nasceu em plena ditadura, em plenos anos de chumbo, em dezembro ou maio de 68 foi instaurado o AI-5, ato institucional 5, que começou a perseguir movimentos, militantes, opositores... os

fundadores do gaviões eram estudantes da USP, eram militantes do Movimento Estudantil, inclusive, e... na época o Corinthians vinha de um período de jejum, de jejum de títulos, quando o Corinthians ficou 23 anos sem títulos e o presidente do clube era Wadih Helu que era um ditador, um homem da repressão, um deputado do partido da ARENA... Wadih Helu, ele tinha um sítio onde eram torturados opositores políticos, Wadih Helu foi um dos responsáveis pela morte do jornalista Vladimir Herzog que na época era da direção da TV Cultura e o Gaviões nasce pra combater Wadih Helu, ao mesmo tempo que também sinalizava que era contra qualquer tipo de ditadura, tanto a ditadura dentro do Corinthians, quando a ditadura militar, regime que tava assolando o Brasil né... fazendo terrorismo de Estado. E, na história do Gaviões, ele sempre se posicionou, a favor da democracia, a favor dos direitos do povo, apoiando greve de professores, luta contra máfia da merenda, exigindo uma CPI conta a máfia da merenda em 2016... e faz parte do estatuto do Gaviões né, esse papel social defender a democracia... isso faz parte da nossa historia ate pq tb faz parte da historia do Corinthians, da Democracia Corinthiana.... então o Gaviões, para além de torcer, acompanhar o Corinthians seja onde for, fiscalizar o clube, o Gaviões tem um departamento social muito ativo que entrega marmitas, alimentos, faz trabalho com crianças em situação de vulnerabilidade, auxilia várias periferias.... então a gente sempre teve esse papel que foi além de torcer.

Robson: Quando a gente pensa no Gaviões, ao longo do tempo, desde o período da Democracia Corinthiana, nunca houve uma pausa, sempre houve participação? Até porque tá no estatuto né?

Danilo: exato, exato, sempre teve participação... às vezes não existe participação institucionalmente do Gaviões porque a gente costuma sofrer perseguições, mas a rapaziada...sempre tamo em movimento.... as lutas que são pela democracia, pelos direitos do povo, tamo sempre colando.

Robson: o *SomosDemocracia* é que é o mais recente né?

Danilo: O *SomosDemocracia* ele nasce pra poder agregar as torcidas de outros times ne?

Robson: Qual é o coletivo de torcida antifascista do qual você faz parte, você chama *Democracia Corinthiana* ou você chama de Gaviões da Fiel?

Danilo: Não.... o Gaviões é uma torcida. O coletivo do qual eu faço parte é o *SomosDemocracia*

Robson: É um movimento social formal? Institucional?

Danilo: É um movimento social informal, não temos registro legal.

Robson: Voltaram com o contexto de Bolsonaro no poder ou ao longo do tempo nunca houve uma parada? 2013? 2016? Dilma? Temer? Outras pautas? Passagem? Pandemia.

Danilo: Sim, em 2013, que eu me lembre foram as primeiras manifestações onde tinham os diferentes torcedores das diferentes torcidas todas juntas né? E na época o objetivo era um pouco diferente do que a gente tinha hoje né? Na época, a gente tinha o objetivo de garantir a segurança dos manifestantes que tavam apanhando muito, sofrendo muita repressão por parte da polícia militar...

Robson: Quais os principais tipos de ação que vocês desenvolvem?

Danilo: Hoje por conta da pandemia nossas ações ficaram muito restritas, então a gente tá indo em manifestações, fazendo reuniões, e atividades de formação e fazendo atividades sociais também, de entregar marmitex e cestas básicas.

Robson: E, antes desse contexto de pandemia – vocês chegaram a ir às ruas no contexto de pandemia porque houve a necessidade de ocupar por conta dos avanços da extrema direita nas ruas – mas antes do contexto da pandemia, que tipo de atividades vocês desenvolviam mais? Protesto, caminhada, passeata, outros tipos de enfrentamento?

Danilo: O *Somos Democracia*.... ele não existia antes da pandemia.

Robson: Só o pessoal do Gaviões, a rapaziada, participava ne?

Danilo: Isso...

Robson: De quais outros movimentos você participa sem ser um dos organizadores?

Danilo: Participo de um movimento que é chamado movimento por uma revolução solidária, que é uma tendência do PSOL, Partido Socialismo e Liberdade, e, estou fundando um instituto né, na Brasilândia, onde fui criado e o instituto chama-se Periferia Sem Fronteiras; além das várias atividades de caráter social e cultural, o objetivo principal é dar curso de idiomas gratuitos, né... pra molecada da comunidade.

Robson: o *Somos Democracia* participa mais então desses protestos contra o governo Bolsonaro né ou tem alguma outra finalidade?

Danilo: Não...

Robson: E Como vocês se organizam ao longo desse período? Quais os repertórios? Mesmo com as restrições, como é que vocês se organizavam, se mobilizavam?

Danilo: É que o *Somos Democracia*, ele nasce para ser um movimento de confronto, né? Pra ser de fato um movimento antifascista. O objetivo era expulsar os fascistas das ruas. E a gente conseguiu né? Quando a gente começou a tomar as ruas, marcar as manifestações nos mesmos lugares deles, eles pararam de fazer né? Eles recuaram, eles saíram das ruas... e não voltaram até hoje! Então... a nossa luta ela meio que... ela acabou ficando dependente disso né? Então, felizmente a gente ainda não precisou fazer movimento com esse caráter novamente.

Robson: Então surgiu pra cumprir uma missão. Cumpriu e se desfez, né?

Danilo: Exatamente. Até porque os militantes cada um é de uma outra organização, é de uma outra torcida, tem outras responsabilidades em outros movimentos também... então é isso... a gente nasce com uma proposta bem pontual mesmo, e cumprimos o papel no período que a gente se colocou, e tamo aí à disposição, caso seja necessário novamente.

Robson: com relação à forma de se comunicar, com os demais colegas, tanto do próprio grupo da Gaviões da Fiel, quanto das outras torcidas, que meios vocês mais se utilizavam? Era através de redes e mídias sociais, era através de telefone...

Danilo: WhatsApp. É o principal instrumento.

Robson: além do WhatsApp?

Danilo: Mais WhatsApp mesmo. WhatsApp e presencial.

Robson: Interessante... essa é a informação mais importante da pesquisa. Depois posso compartilhar com você uns materiais interessantes, porque as vezes a gente cria expectativas, mas a coisa não é bem como a gente imaginava; É uma organização vertical ou mais horizontal em termos de liderança?

Danilo: Ela é bem horizontal, mas existem pessoas que obviamente por ter um pouco mais de experiência, de formação, acabam fazendo valer as suas opiniões, as suas orientações... e eu sou a principal figura pública desse movimento.

Robson: antes da pandemia vcs utilizavam alguma outra forma de comunicação ou mais o whatsapp?

Danilo: Whatsapp.

Robson: E comunicação externa, com a internet, pra vcs mudou algo na forma de se organizar, de se comunicar? Ou de chamar o publico externo pra participar, preá convocar, ou mesmo pra divulgar e repercutir o movimento?

Danilo: Com certeza, né? O Facebook e o Instagram foram importantes nos momentos que a gente chamava as manifestações e apareciam lá públicos espontâneos...

Robson: gente que não tinha nenhuma ligação com o movimento, observava aquela divulgação e se fazia presente?

Danilo: Sim.

Robson: então, para se organizar e se planejar, o básico é o WhatsApp e para chamar o movimento é o Facebook e o Instagram?

Danilo: Sim. Exato.

Robson: Vocês tem página específica, Facebook, Instagram, Twitter, site, blog? Qual delas vocês mais usam? Quem alimenta?

Danilo: Sim, é o *SomosDemocracia*. Mas as páginas que mais... ééé, que tinham mais acesso não eram as páginas do movimento, até porque o movimento era recente, mas eram as páginas das lideranças mesmo, das pessoas, que tinham mais acesso.

Robson: E as das torcidas também?

Danilo: Não. As das torcidas, não...

Robson: Você classificaria que é muito, médio, pouco, razoavelmente importante pro ativismo de vocês ou para o ativismo de vocês não tem importância, não faz diferença?

Danilo: Hoje a internet é extremamente importante né? Hoje a internet dá uma capacidade de atingir pessoas, que fora dela, muito provavelmente a gente atingiria né? Então, hoje a internet é fundamental pra quem se dispõe a fazer luta política né... até porque a internet também se tornou um espaço de debate. Um espaço de convencimento, de persuasão e um espaço de formação né? Hoje em dia muita gente se forma, forma sua opinião a partir de vídeos, textos, de debates, de opiniões que são expostas nas redes sociais.

Robson: Você estimaria algum percentual do quanto vocês, representaria pra vocês, no on-line e o quanto agem no off-line?

Danilo: 60 off-line a 40 on-line..

Robson: existe algum tipo de ação que vocês fizeram só no digital? Estão só nas plataformas digitais? Tipo “twitaço” e não foram pras ruas?

Danilo: Em nenhum momento a gente fez uma ação só virtual. Todas elas foram híbridas. Teve momentos que a gente não fez manifestação, mas fez ação de impacto visual, que agente tem uma bandeira de mais de 100 metro escrito ForaBolsonaro... e a gente estendia esse bandeirão...

Robson: Na Av. Paulista?

Danilo: Isso, mas não só... em vários lugares... ações na Brasilândia, no Viaduto do Chá... e, aí, a gente divulgava bastante nas redes sociais essas iniciativas.

Robson: tem Twitter do *Somos Democracia*?

Danilo: Twitter não... só o meu mesmo...

Robson: tem site ou blog?

Danilo: Não.. somente Facebook e Instagram

Robson: Quem faz alimentação deles?

Danilo: A gente tem uma equipe de companheiras que fazem essa parte de comunicação... cria artes e etc... mas, pela falta de ações também, as redes sociais atualmente estão bem paradas...

Robson: Fazem uso de carros de som, bandeiras, cartazes, out-door, panfletos?

Danilo: Não... só o bandeirão e fizemos somente uma vez carro de som no período da pandemia.... que a gente passou nas periferias alertando ao uso de mascaras, álcool em gel... só cuidados com a covid19...

Robson: vocês usam alguma hashtag específica?

Danilo: #somosdemocracia

Robson: Quais foram os momentos mais marcantes do movimento? Porque?

Danilo: Pra mim, tiveram três momentos mais marcantes... o momento do dia 31 de maio (de 2020) que foi quando a gente saiu com mais de 1000 pessoas da Gaviões da Fiel e se somaram outros torcedores, chagando ali a mais de 2mil pessoas... foi a primeira grande manifestação que deu primeira grande repercussão, ... o segundo momento foi quando a gente se juntou com o movimento negro, (maio ou menos uma semana depois... foi maio ou menos 06 de junho um domingo)...tava ocorrendo várias manifestações no mundo inteiro por causa do assassinato de George Floyd nos estados unidos e a gente fez uma manifestação de mais de dez mil pessoas no largo da batata.... e a terceiro momento.... foi quando fomos até Brasília (junho final do mês), que eu ... fizemos um ato nacional em Brasília;;; eu fui com o objetivo de entregar uma carta pro rodrigo maia, reivindicando que ele acolhesse um dos vários pedidos de impeachment que tinha contra o Bolsonaro e acabei lendo essa carta diante da Globonews, tive uns 10 minutos no Globonews tive a oportunidade de ler uma carta do movimento.

Robson: Como se articulam com outros movimentos, outras torcidas, outros grupos, seria pelo WhatsApp com outros grupos que não o interno de vocês? Nas ruas ou on-line?

Danilo: Sim, pelo WhatsApp também... através de outros grupos que a gente tem: *SomosDemocraciaSãoPaulo*, *SomosDemocraciaBrasil*, *SomosDemocraciaParaná*, e etc...

Robson: Até que ponto a internet é fundamental? Qual o grau de importância da internet, redes e mídias digitais pra vocês? Ou não há importância?

Danilo: É totalmente fundamental... é... diria até que 100% cara... seria muito difícil sem a internet conseguir articular um movimento nacional pensando o quão grande o Brasil é ne? Então, através dos grupos de WhatsApp principalmente, a gente consegue conversar com várias pessoas de várias regiões ao mesmo tempo. Entendeu? E saber as opiniões das lideranças de cada estado ali também no mesmo grupo... então é... consegue centralizar informações, centralizar ações pra todo mundo fazer a mesma ação, no mesmo dia, no mesmo horário, da mesma forma, com o mesmo conteúdo...

Robson: O que você poderia dizer sobre o futuro da participação política em termos de repertórios, de organização? Seja de modo geral ou em relação ao movimento antifascista: será on-line, off-line ou híbrido?

Danilo: Eu acho q a participação política precisa ser híbrida... eu acho q as redes sociais vieram pra ficar e a gente vai precisar se adaptar a essa realidade... hoje é um grande espaço de discussão política, de pontuação de posições, de convicções, mas eu diria que a participação presencial também ela é fundamental e diria que é dialético ne? As redes sociais ela consegue ampliar uma participação off-line e a participação off-line também pode ampliar a participação nas redes sociais. Então, por exemplo, se a gente quer fazer uma grande manifestação, a gente depende muito das redes sociais pra atingir pessoas que a gente então consegue atingir presencialmente, nos espaços que a gente frequenta; da mesma forma, a rede social ela precisa dessas ações off-lines pra ter um engajamento, pra se criar um conteúdo diferente e tudo mais...

Robson: Você confia nas plataformas de mídia digital? Acredita que são neutras?

Danilo: Não. Não acredito que são neutras, os algoritmos tendem a censurar determinados conteúdos... por exemplo se eu escrevo a palavra comunismo, poucas pessoas vão ver... e já percebo também que por vezes, conteúdos mais relacionados a pautas que seriam de interesse das plataformas, as pautas mais liberais, elas tendem a ter um maior engajamento...

Robson: são empresas privadas, estrangeiras, ne?

Danilo: Exatamente... tem os interesses privados e norte-americanos sobretudo ne? Então se a gente vai divulgar uma matéria que fale bem da China, o engajamento vai ser muito baixo...

Robson: vocês têm reuniões periódicas pra se organizar pra se planejar ou só quando tem algum evento que justifique?

Danilo: Quando aparece momentos que se faz necessário... hoje a gente faz parte da campanha ForaBolsonaro, então as reuniões que a gente tá participando são as reuniões que vão discutir os atos, as manifestações, que são em conjunto com outros movimentos.... tá ocorrendo uma articulação pelo dia da consciência negra, 20 de novembro, que vai ter atividades e ações, então a gente vai tá junto com outros movimentos também... então são nesses momentos mais pontuais.

Robson: e essas reuniões são presenciais?

Danilo: Sim.

Robson: em algum momento vocês fizeram reuniões virtuais?

Danilo: Fizemos... de aplicativo zoom... nos períodos mais difíceis da pandemia.

Robson: Suas observações, impressões, considerações finais.

Danilo: Cara, eu acho que é importante que seja aprovado um projeto de lei que é de autoria do Orlando Silva, que tá pra tramitar aí na câmara dos deputados que é de combate as *fakenews*... como a gente já colocou a internet os meios de comunicação vieram pra ficar... eles são um aparelho de afirmação, de se autoafirmar, de colocar suas convicções, mas ele tem sido muito mal utilizado pra propagar falsas notícias, porá ser utilizado como instrumento de cancelamento de pessoas, de destruição de imagens de pessoas e nesse sentido que o estado brasileiro precisa remediar esse tipo de problema... eu não sou a melhor pessoa pra dizer como isso deve ser feito, mas acredito que existam especialistas, que existam pessoas que estão se debruçando sobre esse problema, que inclusive foi um dos motivos que fez eleger, que Bolsonaro foi eleito ne, um cara que ataca a democracia quase todos os dias, foi justamente a propagação, disparos em massa de notícias falsas ne, E se utilizando sobretudo do abuso do poder econômico, muitos dinheiro aí foram utilizados, dinheiros obscuros, que passaram pelos esgotos, que não foram mapeados, não passou pelo radar do TSE; eu acredito que não só o Estado brasileiro ne, eu acredito que o mundo inteiro precisa olhar pra isso aí com muita atenção, porque a gente viu q tem aí um cara chamado Steve Bannon, que é o mentor disso aí tudo, que conseguiu aí atacar várias democracias, destruir imagens de pessoas de bem inclusive, pra ... pra interesses particulares e esses interesses tem um caráter autoritário, um caráter fascista e no caso do brasil um caráter genocida...

Robson: Muito obg...

Danilo: obg...